

A RELAÇÃO ENTRE O RURAL E O URBANO NAS PEQUENAS CIDADES DO NORTE DE MINAS GERAIS/BRASIL¹

Carlos Henrique Silva Alves²
Anete Marília Pereira³
Edvânia Gisele de Souza⁴
Gerlaine Soares Silveira⁵

Resumo

O estudo em pauta objetiva analisar os aspectos de ruralidade presentes no espaço urbano das pequenas cidades do Norte de Minas Gerais, considerando o rural e o urbano, dimensões que se inter-relacionam e se confundem numa mesma localidade. O procedimento metodológico adotado se iniciou com revisão bibliográfica de obras de diversos autores, dentre eles, Carlos (2004), Wanderley (2002), Melo (2006) e Pereira (2004) que estudam temáticas como: relação rural/urbano, pequenas cidades e o Norte de Minas; seguido de levantamento de dados secundários, visitas *in loco* às pequenas cidades da região Norte de Minas Gerais, com aplicação de questionários semi-estruturados e registros iconográficos. A partir dos estudos realizados, foi possível constatar que apesar de obter características urbanas, as pequenas cidades do Norte de Minas concentram singularidades que apontam a forte presença de aspectos tipicamente rurais, provenientes de valores culturais arraigados pela população local. Desse modo, percebe-se que embora sejam consideradas duas realidades deslocadas, o rural e o urbano, passam a coexistir em um mesmo espaço e a interferir na dinâmica das pequenas cidades num âmbito regional. Assim, os aspectos rurais vigentes nas pequenas cidades do Norte de Minas, reafirmam a idéia de que o rural e o urbano, não podem ser pensados distintamente, mas como elementos que fazem a realidade de um influenciar na dinâmica do outro, mutuamente.

Palavras – chave: Urbano, rural, localidade, pequenas cidades.

¹ Artigo produzido a partir da pesquisa: “Urbanização e novas ruralidades no Norte de Minas Gerais: relações entre a pequena cidade e o espaço rural.” Financiamento da Fapemig.

² Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. E-mail: henrikcsa@yahoo.com.br

³ Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES

⁴ Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES

⁵ Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES

Introdução

Embora sejam consideradas realidades diferentes, o rural e o urbano são dimensões que podem coexistir num mesmo espaço, fazendo surgir conceitos que permitem caracterizar tanto os aspectos rurais de um ambiente considerado urbano, como as especificidades urbanas vigentes num ambiente rural; são as chamadas novas ruralidades e urbanidades.

Os aspectos rurais presentes nas pequenas cidades do Norte de Minas Gerais (BR), reafirmam a ideia de que o rural e o urbano não podem ser pensados distintamente, mas sim, como elementos que se complementam a partir das possibilidades de um influenciar na dinâmica do outro, mutuamente.

O estudo em pauta objetiva analisar os aspectos de ruralidade presentes nas cidades pequenas do Norte de Minas Gerais, considerando o rural e o urbano, dimensões que se inter-relacionam e se confundem numa mesma localidade. O procedimento metodológico adotado se iniciou com uma revisão bibliográfica das obras de autores, como Carlos e Lemos (2003), Wanderley (2002), Alves, Melo e Soares (2007) e Pereira (2004), no intuito de conceituar as temáticas: rural e urbano; ruralidades e urbanidades, bem como, discutir sobre as pequenas cidades e o Norte de Minas Gerais.

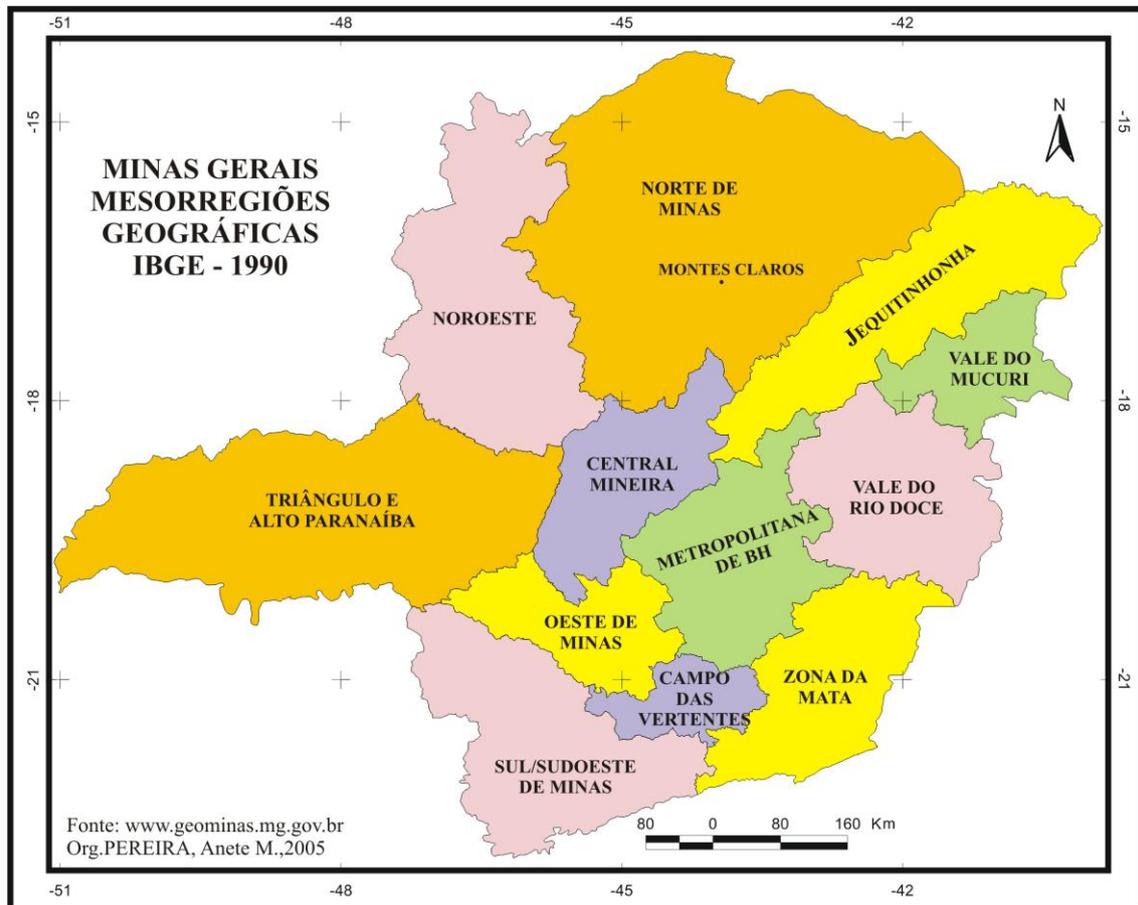
Foram realizadas visitas às pequenas cidades do Norte de Minas Gerais, com aplicação de entrevistas semi-estruturadas junto a representantes do poder público e órgão e empresas existentes, além de registros iconográficos. Em seguida, fizeram-se coletas de informações em órgãos como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através de documentações impressas ou no próprio *site* da instituição, possibilitando relacionar os dados obtidos com os coletados em campo.

Apesar de possuírem determinadas características urbanas, as pequenas cidades do Norte de Minas concentram singularidades que apontam a forte presença de aspectos tipicamente rurais, provenientes de valores culturais arraigados pela população local.

O norte de minas gerais e suas complexidades

Com uma área de 128.602 km², o Norte de Minas Gerais (mapa 01) dispõe de características físicas e socioeconômicas similares ao Nordeste brasileiro. As formações vegetais dessa região compreendem o cerrado e a caatinga, com clima tropical,

alternando do semiúmido para o semiárido, o que explica as chuvas irregulares concentradas em poucos meses do ano, acarretando em problemas sociais e econômicos decorrentes do prolongado período de seca.



Mapa 01: Norte de Minas Gerais

Os relevantes índices de desigualdade e pobreza no Norte de Minas, dentre outros fatores, estão relacionados às características fisiográficas e da formação socioespacial da região que acabam influenciando na estagnação de algumas cidades. Os incentivos governamentais, viabilizados pela inserção do Norte de Minas na área de abrangência da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) acentuou uma política de desenvolvimento que visava promover um contínuo crescimento da economia regional. No entanto, Pereira (2004, p.29) afere que,

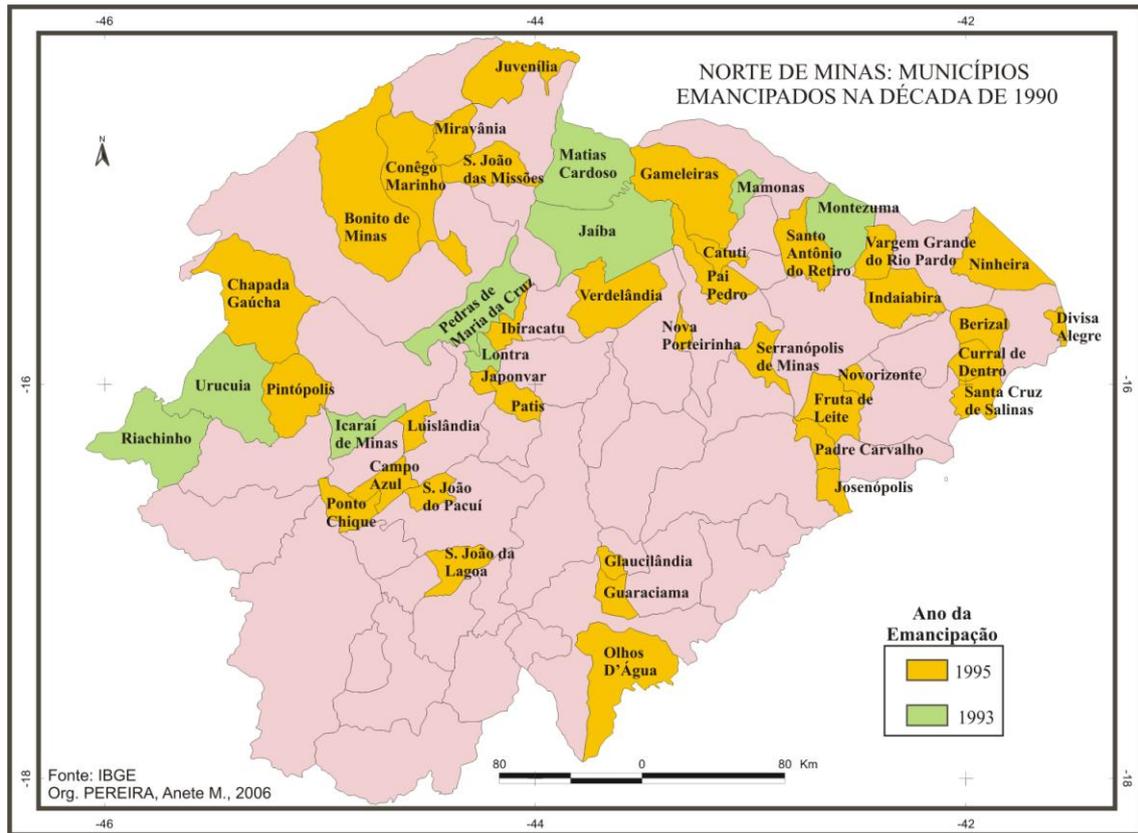
Quando se analisa os indicadores sociais e econômicos no Norte de Minas, verifica-se que as tentativas de desenvolvimento propostas pelo Estado não alteraram o quadro de desigualdade social que caracteriza a região, desde os

primórdios de sua ocupação. A região norte-mineira ainda é identificada como sertão, tanto pela densidade demográfica, que permanece baixa em quase todos os municípios, como pela agropecuária tradicional que continua sendo praticada pela maioria da população.

Dos oitenta e nove municípios do Norte de Minas, apenas três, a princípio não foram inseridos na área de atuação da SUDENE, sendo eles São Romão, Santa Fé de Minas e Riachinho. Com a instituição da lei complementar nº 125, de 03 de janeiro de 2007, os respectivos municípios passaram a fazer parte da SUDENE, juntamente com os outros municípios de outras regiões, como do Vale do Jequitinhonha.

A década de 1990 alterou a configuração territorial do Norte de Minas Gerais, através da emancipação de diversos distritos, produzindo uma nova dinâmica espacial na região a partir da fragmentação de municípios já existentes. Esse processo foi decorrente de reformas na Constituição de 1988, que deu mais autonomia para os estados emanciparem municípios, o que culminou com uma descentralização política no país e deu maior autonomia aos municípios emancipados. Dentre os fatores que explicam a emancipação das pequenas cidades, Magalhães (2008) ressalta a falta de interesse da administração do município de origem, a concentração de determinada atividade econômica local, a grande extensão territorial do município de origem e o aumento da população local.

Como no Brasil é considerada cidade toda sede de município foram criadas, na década de 1990, aproximadamente 39 cidades no Norte de Minas, a maioria identificada como pequena.



Mapa 02: Municípios criados na década de 1990

Pereira (2004), afirma que no Norte de Minas, as cidades dos municípios recém emancipados dispõem de características tipicamente rurais com uma economia ligada a atividades agropecuárias, sendo que muitas delas apresentavam um contingente populacional inferior a 1000 habitantes.

As disparidades existentes entre os municípios do Norte de Minas são perceptíveis nas microrregiões que constituem a região. Segundo o censo demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), vivem no Norte de Minas cerca de 1.473.367 habitantes, havendo uma maior concentração populacional nas cidades mais influentes da região como Montes Claros, Pirapora, Janaúba, que por sua vez, oferecem uma diversificação de produtos e serviços.

Pequenas cidades: algumas considerações

A temática “pequenas cidades” tem sido alvo de interesse de alguns estudiosos, compelidos em compreender a funcionalidade e a dinâmica das mesmas no contexto regional em que estão inseridas. As particularidades desses pequenos centros permitem

diferenciá-los de outros centros urbanos, inclusive aqueles que compartilham das mesmas dimensões.

A esse respeito, Santos (2005, p.137) considera que

No sistema urbano há, por conseguinte, tendência crescente à diferenciação e à complexificação. As cidades são cada vez mais diferentes umas das outras. Aqueles esquemas simplórios que nos acostumamos a reproduzir e enfeitam a maioria das nossas teses, artigos e livros, mostrando redes urbanas formadas com diversas categorias de cidades distinguidas em níveis hierárquicos, são coisa agradável de olhar, sem dúvida instrumento de aproximação da realidade, mas não suficiente para sua interpretação.

A urbanização do Brasil, impulsionada pela industrialização a partir de 1950, além de transformar os aspectos sociais e econômicos dos centros urbanos, ocasionou o aumento sistemático da população das grandes cidades. Esse processo favoreceu também o surgimento de médias e pequenas cidades, essas últimas dependentes de recursos do governo, notadamente o federal. Ao analisar o processo de urbanização dos pequenos centros no Brasil, Wanderley (2002, p.05) assinala que,

[...] na grande maioria dos pequenos municípios brasileiros este processo é frágil, em consequência, sobretudo, da ainda persistente concentração das atividades econômicas e da oferta de serviços nos grandes e médios centros urbanos e da ainda insuficiente rede de comunicações entre aglomerações de todos os tamanhos. De uma certa forma, pode-se dizer que, no Brasil, o fato de ser pequeno freqüentemente significa ser precário do ponto de vista dos recursos disponíveis.

O crescente número de cidades pequenas dispersas pelo território brasileiro e o aumento da população nas médias e grandes cidades são consequências das alterações ocorridas entre o campo e a cidade através da migração campo/cidade. O aumento da população urbana acarretou problemas em cidades cuja infraestrutura era ineficaz para atender as necessidades de seus habitantes.

No Norte de Minas, assim como nas demais regiões do Brasil, o processo de urbanização também ocorreu de forma desigual. O critério inicial para o desenvolvimento desse trabalho foi o estudo das pequenas cidades do Norte de Minas

Gerais, uma vez que, a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2000) considera pequena cidade, os aglomerados que apresentam uma população urbana inferior a 20.000 habitantes.

Das 89 cidades inseridas na região, 79 são considerados centros urbanos de pequeno porte, compartilhando de uma baixa densidade demográfica, com economia calcada na agricultura de subsistência e com forte dependência de recursos do governo e, principalmente, de outras cidades mais influentes que oferecem variedades comerciais e prestações de serviços na região. Alves, Melo e Soares (2007, p.08) salientam que,

As pequenas cidades são bastante diferenciadas entre si. Esse fator ocorre tanto pela própria diversidade da formação espacial do país, bem como pelos processos locais de cada espacialidade, pela atuação dos agentes sociais e do estado e pelas particularidades sócio-culturais, assim como pela sua localização geográfica, suas condições de acessibilidade, bem como pela maior ou menor inserção dos lugares na economia globalizada, entre outros.

Essas particularidades refletem em desigualdades sociais e econômicas presentes no espaço urbano das pequenas cidades e no modo de vida da população, que no caso do Norte de Minas, não é distribuída de forma homogênea. As pequenas cidades se encontram inseridas num contexto regional, caracterizado por baixos indicadores sociais e econômicos.

O dinamismo econômico da região, só se torna possível mediante o desenvolvimento econômico das cidades, uma vez que a produção do espaço urbano ocorre mediante a materialização das ações dos agentes que transformam o espaço no qual estão inseridos.

Alguns municípios, diante da possibilidade de promover o desenvolvimento econômico, investiram na criação de projetos de irrigação, a atração de indústrias e os incentivos turísticos, bem como, a instalação de instituições de ensino superior, que contribuíram para melhorar a infraestrutura de determinadas cidades.

Sobre a dispersão e a infraestrutura das pequenas cidades, Corrêa (1999, p.45) atesta que,

A elevada ocorrência de pequenos centros deriva, de um lado, de uma necessária economia de mercado, por mais incipiente

que seja, geradora de trocas fundamentadas em uma mínima divisão territorial do trabalho. De outro, deriva de elevadas densidades demográficas associadas a uma estrutura agrária calcada no pequeno estabelecimento rural ou em *plantations* caracterizadas pelo trabalho intensivo.

Os projetos de irrigação em Jaíba, a industrialização incipiente e o reflorestamento em cidades como, São João do Paraíso, Rio Pardo de Minas, Divisa Alegre, entre outras, foram alternativas que agregaram melhorias à infraestrutura das referidas cidades.

Apesar da influência dos fatores citados, a maioria das cidades pequenas do Norte de Minas apresenta problemas no que se refere à oferta de serviços básicos para a população, como a saúde, educação, saneamento básico, além da falta de planejamento, que contribui para aumentar as desigualdades e os índices de pobreza na região.

Cidades como Fruta de Leite, Santa Cruz de Salinas, Riacho dos Machados, Vargem Grande do Rio Pardo, entre outras, encontram-se estagnadas, sem perspectivas de desenvolvimento, devido à base de suas economias estarem predominantemente calcadas na agricultura de subsistência.

O rural e o urbano analisados a partir das pequenas cidades

Ao discutirmos a dinâmica espacial, em diferentes recortes territoriais percebemos a dificuldade analítica das áreas rurais e urbanas. Dependendo da abordagem ora encontramos estudos pautados na diferenciação desses espaços a partir da área de residência da população, ora pela funcionalidade ou ainda pelo modo de vida predominante.

Atualmente não faz mais sentido tratar da dicotomia cidade e campo e sim, falarmos do rural e do urbano enquanto modo de vida, ou talvez de forma mais adequada de urbanidades e ruralidades. Não cabe nesse pequeno artigo tratar das definições de cidade, campo, rural, urbano, ruralidade e urbanidade. Tentaremos apenas entendê-los a partir da realidade empírica dos municípios que possuem pequenas cidades na região Norte de Minas Gerais. Essa nossa opção encontra respaldo nas palavras de Spósito e Whitacker (2006, p. 122) quando afirmam que,

a unidade espacial urbana, como marca das cidades, no decorrer do longo processo de urbanização, cedeu lugar ao binômio urbano/rural resultado, também, da incapacidade, no período atual, de distinguir onde acaba a cidade e começa o campo. As formas confundem-se porque as relações se intensificam, e os limites entre esses dois espaços tornam-se imprecisos.

A partir das palavras dos autores entendemos que mesmo assumindo formas e funções diferenciadas, o rural e o urbano estão indubitavelmente articulados, constituindo uma totalidade. As análises simplistas e generalizadoras devem ser evitadas, uma vez que as características da urbanização e das cidades são diferentes sob muitos aspectos.

Há diferenças nas paisagens rurais e urbanas, sejam elas tênues ou clamorosas. Algumas delas podem facilmente ser percebidas, outras nem tanto. Algumas são rapidamente captadas pelo olhar, enquanto outras nem sequer são visualizadas. Porém, há diferenças que, embora invisíveis aos olhos, não passam despercebidas pelos outros sentidos. (BLAGI, 2006, p. 102).

Assim, a organização espacial é resultado de uma série de fatores, que ao longo da formação desses espaços constitui uma paisagem peculiar de cada lugar. Dessa forma, é importante destacar o cenário urbano das pequenas cidades do Norte de Minas Gerais e a relação que essas desenvolvem com o meio rural. Pois, esses ambientes mesclam características mútuas, que estão arraigadas na cultura dos indivíduos que se deslocam levando consigo seus hábitos de vivência.

Nessa perspectiva, apesar de determinadas aglomerações do Norte de Minas serem consideradas cidades, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), essas não apresentam caráter intrinsecamente urbano, tendo em vista que os costumes da população residente são baseados no modo de vida rural.

Portanto, de acordo com Wanderley (2001) *apud* Carlos e Lemos (2003, p. 84),

Não se trata simplesmente de afirmar ou negar o caráter urbano destes aglomerados tomados globalmente, mas, sobretudo de tentar entender as funções que exercem no chamado sistema urbano. A este respeito, parece-me importante não minimizar o seu significado, enquanto expressão de um ethos urbano, que

precisamente organiza, administra e integra a sociedade local, rural e urbana. Mas, por outro lado, parece evidente que estas cidades pela sua própria dimensão, impõem limites a uma verdadeira experiência de vida urbana.

A partir desses fatores se torna imprescindível a compreensão da importância dessas pequenas cidades, no aspecto social e econômico, uma vez que, a (re)produção dos médios e dos grandes centros urbanos favorece maior articulação na dinâmica econômica. Apesar de as pequenas cidades não se enquadrarem nos parâmetros dos referidos centros, elas são fundamentais para incrementar a economia local e atender as necessidades básicas da população, notadamente a do meio rural.

Assim, é conveniente destacar a paisagem urbana e rural do Norte de Minas Gerais, já que há ocorrência de costumes rurais na área urbana como, a utilização do cavalo e charrete como meio de transporte, (figura 01), a presença de currais, e o plantio de hortaliças na área urbana. Além disso, a conversa com os vizinhos na calçada no final de tarde, o lazer das crianças que geralmente ocorre na rua, ou mesmo na praça central e as festividades tradicionais típicas do próprio local, denotam características que são específicas da zona rural e se apresentam como traços de ruralidade no espaço urbano.



Figura 01: Traços de Ruralidade em Riacho dos Machados **Figura 02: Urbanidade em Montalvânia**

Autor: Alves/2010. Autor: Silva, 2010.

Em contrapartida, nesse mesmo cenário é possível visualizar características urbanas, como veículos automotores modernos, acesso significativo a telefonia móvel, e

a internet, essa, oriunda da implantação dos telecentros⁶ que favorece a conexão global dos cidadãos desses municípios com o universo virtual, conforme verificado na a figura 02.

Nesse sentido, Saquet (2006, p. 181) menciona que “as cidades, dessa forma, como interações, têm suas relações lentamente modificadas, metamorfoseadas, principalmente, em decorrência de inovações tecnológicas que as interligam cada vez mais com o rural e com outras cidades”. Mediante a citação pode-se constatar a inter-relação urbano/rural, uma vez que se complementam e interagem de forma complexa.

Nesses centros urbanos a base econômica é calcada na agricultura de subsistência destinada para o consumo regional, e o município conta com o apoio do Fundo de Participação do Município - FPM. Segundo Pereira (2007, p. 195) o FPM “Trata-se de uma transferência prevista na Constituição, composta de 22,5% da arrecadação de Imposto de Renda e do Imposto sobre Produtos Industrializados. A distribuição dos recursos aos municípios é feita de acordo o número de habitantes”. Assim, pode-se perceber a dificuldade desses municípios em relação a sua infraestrutura econômica e a dependência com órgãos da esfera estadual e federal.

O estudo realizado levou-nos à comprovação de que as pequenas cidades da região norte mineira caracterizam-se como espaços onde prevalecem baixas condições urbanas, de organização produtiva, de competitividade e de infraestrutura. Poucas apresentam um maior dinamismo econômico e social enquanto a maioria se caracteriza por aglomerados estagnados e com forte dependência do poder público em suas diferentes instâncias.

⁶ Espaço criado no município através da iniciativa governamental com intuito da inclusão digital.

Referências

- ALVES, P. MELO, N. A. de. SOARES, B. R. Pequenas Cidades da Microrregião de Catalão (GO): reflexões sobre os municípios de Corumbáiba e Ouvidor (GO). **Horizonte Científico**, Uberlândia, vol. 1, nº. 07, p. 1-15, 2007.
- BLAGI, Priscila. Rural e Urbano: Harmonia e Conflito na Cadência da Contradição. **IN: Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. Org. SPÓSITO, M. E. B. WHITACKER, A. M. 1ª Ed. São Paulo, Expressão Popular, 2006. P. 81-109.
- CARLOS, A. F. A; LEMOS A. I. G. **Dilemas urbanos: Novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto; 2003.
- CÔRREA, R. L. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, nº 6, p. 43-53, janeiro/junho, 1999.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em:
- MAGALHÃES, João Carlos. Emancipação Político-Administrativa de Municípios no Brasil. In: ALBUQUERQUE, C. W. CARVALHO, A. X. Y. MOTA, A. PIANCASTELLI, M. (Org.) **Dinâmica dos Municípios**. Brasília: IPEA. 2008, p.13-52.
- PEREIRA, Anete Marília. Cidade Média e Região: O Significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. 2007. 347f. **Tese** (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.
- PEREIRA, Anete Marília. A Urbanização no sertão norte-mineiro: algumas reflexões. **IN: PEREIRA, Anete Marília. ALMEIDA, Maria Ivete Soares de. (org.) Leituras Geográficas sobre o Norte de Minas Gerais**. Montes Claros: Unimontes, 2004, p. 130, p.11-31.
- SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2005, 174 p.
- SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma Abordagem Territorial das Relações Urbano-Rurais no Sudoeste Paranaense. **IN: SPÓSITO, M. E. B. WHITACKER, A. M. (Org.) Cidade e Campo relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 157-183.
- SPÓSITO, M. E.; WHITACKER, A.M. A Questão Cidade-Campo: Perspectiva a Partir da Cidade. In: In: SPÓSITO, M. E.; WHITACKER, A.M. (Org) **Cidade e Campo. Relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 247p.
- WANDERLEY, M. N. B. Urbanização e Ruralidade: relações entre a pequena cidade e o mundo rural e estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. **Revista Nordeste: regionalismo e inserção global**. VI, n.1, p. 05-32, março/abril 2002.